



A VOZ DA REVOLUÇÃO

Nº 7

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

JAN.-FEV. 1972

Comunicado de Guerra



CABO DELGADO

Durante os meses de Outubro e Novembro de 1971, os guerrilheiros da FRELIMO na Província de Cabo Delgado atacaram os postos de Nangololo (2 vezes) e 2 posições inimigas, na zona entre Miteda-Muidumbe, e na zona de Nachipungu. Os ataques contra Nangololo resultaram na destruição parcial do posto, e na morte de 14 soldados inimigos. Uma posição de artilharia perto de Miteda foi silenciada no dia 12 de Novembro, tendo sido mortos 6 soldados inimigos. O ataque de Nachipungu teve lugar no dia 18 de Novembro. O inimigo saíra do seu posto, numa tentativa de incursão na nossa zona, e acampou em Nachipungu. Foi localizado pelas populações, que avisaram a base de artilharia mais próxima. Uma unidade de artilharia da FRELIMO foi enviada para o lugar, e às 3 horas da madrugada

o grupo inimigo foi atacado. 11 soldados portugueses morreram, os restantes fugiram em debandada.

Emboscadas

Em 15 emboscadas de grande envergadura, montadas nas estradas junto aos postos inimigos de Namatili, Mueda, Sagal, Macomia, Namwaliya, Muaguide, Inhankoma, Cuero, Chai, Mucojo, Ravia, e nas zonas de Ntowe e Miengclewa, um total de 70 soldados inimigos foram mortos, 2 carros destruídos e muitos prisioneiros dos campos de concentração foram libertados. Assim por exemplo, no dia 25 de Outubro, os soldados inimigos que levavam o povo do campo de concentração de Anga para os trabalhos forçados nas machambas, foram emboscados pelas nossas forças: 3 inimigos foram mortos, os outros fugiram, e os elementos da população foram libertados, incluindo um miliciano da FRELIMO que tinha sido preso há 6 anos. Outras populações dos campos de concentração de Navuvando e Ravia foram também libertadas.

Sabotagem

Realizamos 23 grandes operações de sabotagem nos meses de Outubro e Novembro, nas zonas de Sagal, Diaca, Mueda, Nangade, Pundandar, Nantadora-Chai, Nangololo, Nancatar, Macomia, Muaguide, Inhankoma, Quiterojo, e Quijenambi. Foram mortos mais de 120 soldados inimigos, e 26 carros destruídos. Um exemplo típico destas nossas operações é a do dia 14 de Novembro, em que uma coluna de carros saiu do posto de Sagal, com destino a Diaca. Caiu em 2 minas, 2 carros foram destruídos e 8 soldados foram mortos. Essa coluna perdeu outros ao posto de Diaca, que enviou outra coluna: esta caiu também nas minas, tendo sido destruído um carro e 3 soldados mortos. As 2 colunas recostas de avançar, pediram reforço de helicópteros e aviões: vieram 4 helicópteros apoiados por bombardeiros, que estabeleceram a comunicação entre as colunas e recolheram os mortos e feridos. Depois disso,

A VITÓRIA É CERTA!

Um dos factores importantes que contribuem para os grandes sucessos que a FRELIMO tem alcançado na últimos meses é a consolidação da confiança do povo e dos combatentes na vitória final. Trata-se de um elemento de natureza subjectiva, mas que tem a sua base na realidade objectiva, na situação concreta da nossa luta.

Um dos aspectos dessa realidade são as grandes vitórias que alcançámos em 1971. De facto, enjámos já todo o povo moçambicano na luta de libertação. Como escreveu um jornalista tanzaniano que visitou o nosso país em Abril de 1971, Sr. Ferdinand Ruhinda: «Algumas pessoas perguntam às vezes se a FRELIMO tem o apoio do povo de Moçambique. Não se trata de uma questão de apoio. Todo o povo está envolvido. Nas reuniões públicas não há discursos sobre a necessidade de o povo se juntar à FRELIMO para expulsar os portugueses. Toda a gente sabe e compreende já isto. O que se discute nas reuniões é como, qual a melhor maneira de lutar.» E mesmo nas Províncias ainda não em luta armada, o povo considera a FRELIMO como o seu guia, a sua organização, e dela recebe as directivas e palavras de ordem.

Ao mesmo tempo, o nível de consciência política do povo e dos combatentes subiu, devido ao constante trabalho dos comissários políticos. Toda a gente está clara sobre a orientação ideológica, os alvos e os objectivos da FRELIMO. E isto aumenta também o espírito combativo.

A reconstrução nacional intensifica-se. Não só no aspecto material de construção de de mais escolas, mais centros médicos, maior produção. Mas também no aspecto do tipo de vida do povo — todos os vícios que os colonialistas encorajaram entre nós para corromperem e melhor nos dominarem, como o roubo, a bebedeira, a prostituição — desapareceram das nossas zonas. Assim o povo, vendo melhoradas as condições materiais e sentindo-se integrado numa sociedade sã e harmoniosa, defende



3 DE FEVEREIRO

Tres anos se passaram sobre a morte do 1.º Presidente da FRELIMO, camarada Eduardo Chivambo Mondlane. Numa mensagem dirigida ao povo de Moçambique o novo Presidente da FRELIMO, camarada Samora Moisés Machel, evoca a memória daquele que lançou a FRELIMO no caminho correcto da luta armada revolucionária de libertação nacional, explica o significado do assassinato do Presidente Mondlane e indica as tarefas a realizar para completar o trabalho iniciado pelo nosso primeiro presidente. Dessa mensagem transcrevemos as seguintes passagens:

3 de Fevereiro é uma data do combate heróico do nosso povo e como data de combate que é, encontra-se regada de sangue e o luto acompanha-a.

Em 3 de Fevereiro de 1969, foi assassinado o nosso querido Camarada Eduardo Mondlane, fundador da FRELIMO, artesão da Unidade nacional, primeiro Presidente do nosso Partido, guia genial do nacionalismo moçambicano e pioneiro da nossa Revolução.

Em 3 de Fevereiro de 1969, o povo perdeu um dos seus mais queridos e devotados filhos, um dos melhores.

Antes éramos divisão, grãos de areia dispersos ao vento. Enquanto fomos isso, enquanto a divisão existia, o colonialismo explorou-nos e humilhou-nos.

O Camarada Eduardo Mondlane trouxe-nos o cimento da Unidade, trouxe-nos a força que poderosamente nos ligou, que fez de nós um povo, que fez desaparecer as tribos

para criar Moçambique, o baluarte de aço indestrutível para o inimigo.

Por isso inimigo colonialista e imperialista o odiou, por isso os reaccionários o odiaram como alvo principal para o inimigo. Odiaram Eduardo Mondlane, porque temem o povo, odeiam a força imensa do povo organizado e consciente, que derruba para sempre o poder dos exploradores.

Eduardo Mondlane, criou quadros, criou estruturas, como tinha criado a nossa Unidade, como tinha forjado a nossa linha. Assim, ao momento de tristeza e abatimento, sucedeu-se rapidamente, o momento de determinação.

A luta não parou. A luta estendeu-se, o Zambeze foi atravessado, o Montepuez foi atravessado, o inimigo em toda a parte é atacado, é isolado, e recua.

Eduardo Mondlane não morreu. É ele, que antes de ninguém, compreendeu e ensinou

que a nossa luta devia ser a revolução dos camponeses e operários, a destruição da exploração do homem, ele está firme e cada vez mais presente, no poder popular que cresce na nossa Pátria.

Continuar a vida de Mondlane e a nossa tarefa: levar a Revolução até ao fim, continuar a missão que ele nos legou, estender a luta armada, libertar a Pátria, prosseguir a Revolução.

Viva a memória inesquecível do Presidente Mondlane!

Viva o Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo!

Viva a Guerra Popular de Libertação!

Viva a Revolução!

Independência ou Morte!

Venceremos!

A LUTA CONTINUA!

3 de Fevereiro de 1972
Samora Moisés Machel
Presidente da FRELIMO

DELEGAÇÃO CHINESA COM A FRELIMO EM CABO DELGADO

Um grupo de 5 jornalistas e cineastas da República Popular da China esteve em Cabo Delgado durante cerca de 3 semanas, de 25 de Dezembro de 1971 a 12 de Janeiro de 1972, a convite da FRELIMO. A delegação chinesa teve ocasião de ver muitos dos nossos trabalhos e conversar e trocar experiências com os nossos camaradas, desta maneira reunindo material para os artigos que vão escrever, e para o filme, sobre a nossa luta. O camarada Samora Machel, Presidente da FRELIMO, chefiou a delegação da FRELIMO que, na base Provincial de Cabo Delgado, teve conversações com os camaradas chineses. Sobre as suas impressões, um dos membros do grupo, Chu Hung Fu, falando em nome de todos, disse o seguinte:

Visitamos recentemente uma área libertada de Moçambique a convite da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Vimos com os nossos próprios olhos a atitude mental do povo moçambicano, que é corajoso e determinado e que está a prosseguir a luta, e vimos também cenas vigorosas e decisivas na área libertada. Aprendemos muitas coisas do povo moçambicano e das forças armadas populares, coisas essas que são úteis para nós próprios.

O povo moçambicano é um povo com uma tradição gloriosa de desafio à força bruta e de resistência à agressão estrangeira. Durante muito tempo os colonialistas portugueses sujeitaram o povo moçambicano a uma dominação, opressão e exploração brutal, causando-lhe sofrimentos inumeráveis. Onde há opressão, há resistência. Sob a direcção da FRELIMO, há sete anos o povo moçambicano pegou em armas e levantou a cortina da luta armada. Em face do aparentemente poderoso inimigo, o corajoso povo de Moçambique transformou o seu ódio de séculos numa força imensa, e embora no início tivessem uma força pequena, eles começaram a luta contra o inimigo forte. Através de uma luta prolongada, árdua e tortuosa, o povo moçambicano libertou já grandes regiões, criando uma excelente situação revolucionária através da luta.

Dirigidas pela FRELIMO, as Forças Armadas Populares controlam já uma grande parcela do território Moçambicano, enquanto órgãos do poder do Estado em vários níveis foram e estão a ser criados nessas áreas. Um progresso considerável foi alcançado na produção, educação, cultura e



O chefe da delegação chinesa dirige uma mensagem ao povo Moçambicano, numa reunião pública na base provincial de Cabo Delgado.



Em marcha através de Cabo Delgado.



Foto em baixo: O Presidente da FRELIMO, camarada Samora Machel, conversa com um dos jornalistas durante uma pausa no trabalho.

saúde. O povo nas áreas libertadas está a reconstruir a sua pátria com as suas mãos, sobre as ruínas da dominação colonialista portuguesa. Milicianos e grupos de defesa defendem pelas armas os frutos da vitória.

A assistência massiça da NATO, encabeçada pelo imperialismo norte-americano, não pode salvar os colonialistas portugueses da derrota. A derrota da grande ofensiva dos colonialistas em 1970, pelas Forças Armadas Populares da FRELIMO, mostra a invencibilidade do povo de Moçambique. Nós admiramos muito o povo moçambicano pelo seu espírito corajoso e combativo.

Na causa comum contra o imperialismo, o povo chinês e moçambicano apoiam-se e encorajam-se mutuamente, e forjaram uma amizade militante profunda. Uma delegação da FRELIMO dirigida pelo Presidente Samora Moisés Machel fez uma visita de amizade à China no ano passado, a convite nosso. Durante a sua estadia na China, a delegação descreveu ao povo chinês os grandes sucessos que têm alcançado na luta e na construção das suas áreas libertadas. O povo chinês ficou muito impressionado com estas vitórias. A luta heróica do povo moçambicano é um apoio inençoso ao povo chinês. Apoiar o povo moçambicano e outros povos oprimidos da África na sua luta contra o imperialismo é o dever inter-

nacionalista do povo chinês. Nós consideramos as vitórias ganhas pelo povo moçambicano como sendo nossas vitórias.

Durante a nossa estadia nas áreas libertadas, foi-nos dada uma recepção e hospitalidade cordiais pelo Presidente Samora e outros dirigentes da FRELIMO. Os combatentes e o povo deram-nos as boas vindas de uma maneira calorosa. Apresentamos os nossos sentidos agradecimentos por tudo isso. Nós ficámos muito inspirados pelos sentimentos profundos do povo moçambicano pelo Presidente Mao, o grande dirigente do povo chinês, e pela sua grande amizade para com o povo da China.

No mundo de hoje, os países querem independência, as nações querem liberdade e o povo quer revolução. Esta é uma corrente irresistível da História. A situação excelente da luta revolucionária do povo moçambicano é mais uma manifestação viva desta corrente. Nós estamos certos de que na medida em que o povo moçambicano toma o seu destino nas suas mãos e persevera na luta armada revolucionária, ele derrotará seguramente os colonialistas portugueses apoiados pelo imperialismo norte americano, e conquistará a independência e a libertação nacional. A vitória pertence ao povo heróico e combatente de Moçambique!



A delegação chinesa com o Presidente Samora Machel e outros responsáveis da FRELIMO no posto de Maidumbe, que foi tomado aos portugueses pela FRELIMO no passado mês de Junho.

já e defenderá sempre com toda a sua força este imenso ganho que a Revolução lhe trouxe.

No plano militar, no ano de 1971 matámos cerca de 2.900 soldados inimigos, destruímos 479 carros, abatemos 4 aviões e 5 helicópteros, destruímos 27 pontos estratégicos e destruímos 49 postos e acampamentos, 6 comboios e 14 barcos. Estes são dados estatísticos de grande importância, porque indicam um enfraquecimento sensível das forças humanas e materiais do inimigo. E se combinarmos estas baixas em Moçambique com o decréscimo da população válida em Portugal, que emigra para outros países para fugir à guerra colonial e à miséria; e com as outras baixas que as forças coloniais sofrem em Angola e na Guiné, facilmente compreenderemos que Portugal está prestes a chegar ao ponto em que as suas reservas de efectivos vão esgotar-se. Os nossos efectivos, pelo contrário, aumentam constantemente à medida que atingimos novas zonas.

Em 1971 assistimos também em Moçambique ao fracasso completo do plano colonialista de "construir estradas para vencer a guerra". Este plano era a grande esperança dos portugueses, que em 1971 colocaram um novo governador especialista na construção de estradas. Mas poucos meses decorridos os próprios colonialistas vêm já que o plano fracassou. Só o desespero os impedia de ver atrás. Nós já tínhamos previsto, já sabíamos (por experiência) que as estradas, como as linhas férreas e os pipe-lines, são dos alvos mais vulneráveis. E hoje estamos certos de que as estradas não serão construídas.

Em fins de 1970 começámos a luta na zona ao sul do rio Zambeze, na Província de Tete. Em poucos meses a luta alastrou-se como uma fogueira, e hoje cobre toda a província. Isto quer dizer que estamos já a atacar pontos economicamente importantes para o inimigo, a afectar seriamente a sua economia. Tete é a Província mais rica em minerais. Já uma companhia mineira Sul Africana, "COMOCMIN", retirou os seus trabalhadores de certas zonas de Tete, por considerar que o governo português não é capaz de garantir a segurança desses homens. A confiança dos investidores estrangeiros está assim a ficar muito abalada.

Elementos exteriores favorecem e apoiam a nossa luta. Em Portugal as forças anti-colonialistas e anti-fascistas organizam-se e desfecham golpes eficazes contra a máquina de guerra colonial. Os países Africanos, os países Socialistas e as forças progressistas de todo o mundo declaram e praticam o seu apoio à nossa causa.

Todos estes elementos somados, dão-nos a certeza de que a nossa vitória não pode faltar. Aliás, trata-se de um processo duplo:

cada uma das colunas inimigas fez meia-volta e regressou ao seu posto de procedência.

TETE

Durante os meses de Outubro e Novembro de 1971, os combatentes da FRELIMO na Província de Tete atacaram 5 postos e acampamentos do inimigo, destruíram 1 depósito de gasolina, fuzeram 17 emboscadas de envergadura das quais 3 no rio Zambeze, e realizaram 25 operações de sabotagem. Mais de 100 soldados inimigos foram mortos, 5 barcos e 3 comboios destruídos, e 26 carros e 1 tractor destruídos. 5 desses carros foram destruídos na estrada Internacional Rodézia-Malawi.

Ataques

Foram atacados os postos de:

1. Kanchueira, no dia 7 de Outubro. Todas as casas foram queimadas e vário material capturado.
2. Chipera, no dia 24 de Outubro. O posto foi parcialmente destruído.
3. Muzi, no dia 2 de Novembro. Destruíram 2 edifícios incluindo o depósito de material.
4. Canzi, em 6 de Novembro. O posto ficou danificado.
5. Chintua, em 21 de Novembro, ficou também danificado com fogo de artilharia.

No dia 5 de Outubro o inimigo aterrou em Nchenja, prendeu toda a população de uma povoação e quis levá-la para o seu aldeamento. No caminho, acamparam perto dum rio, onde os nossos camaradas os surpreenderam e atacaram. Alguns soldados inimigos morreram, outros fugiram. Todo o povo que tinha sido feito prisioneiro foi libertado.

Um depósito de gasolina, que compreendia vários tanques, foi completamente incendiado pelos nossos combatentes na região de Chingodzi, entre Moatize e Tete.

Emboscadas no rio Zambeze

1 de Outubro: 2 barcos foram afundados na área de Holi, morrendo todos os soldados que nele seguia.

12 de Novembro: 2 barcos que tinham saído do posto de Mague, carregados de soldados, em missão de patrulha das margens do rio Zambeze, foram atingidos por fogo de bazooka e metralhadoras, e afundados. Todos os soldados, aproximadamente 20, morreram.

as nossas vitórias, os nossos sucessos fazem-nos ter mais confiança na vitória final. E esta confiança faz-nos lutar com mais ardor e determinação, e faz-nos portanto ter mais vitórias. Assim, este processo uma vez desencadeado, não vai parar antes da independência de Moçambique.

Começamos portanto o ano de 1972 com uma confiança renovada na nossa vitória final.

13 de Novembro: 1 lancha foi afundada na zona de Duangwa.

Outras emboscadas tiveram lugar nas zonas de Muzi, Mankhungwe, Fingoe, Chibweya, Chipera, Mukumbura, resultando em mais de 50 soldados inimigos mortos e 4 comboios e 1 tractor destruídos.

Ações na Estrada Internacional Rodézia - Malawi

16 de Outubro: 1 carro foi destruído na zona de Nyangoma, quando seguia de Moatize para Zobuê.

22 de Outubro: 2 carros integrados numa coluna militar foram destruídos pelas nossas forças quando seguiam de Zobuê para Tete, na estrada Internacional.

13 de Novembro: 1 carro foi destruído e os seus 2 ocupantes mortos na zona de Canchueira, entre Moatize e Tete.

18 de Novembro: Na zona de Chanteala mais um carro militar foi destruído por uma mina.

Sabotagem

Linha Férrea Tete - Beira

1) 8 de Novembro, região de Chiweza: uma mina colocada pelos nossos camaradas destruiu a locomotiva e um vagão de um comboio que seguia de Doa para Misiti.

2) 10 de Novembro, na zona de Doa: 1 máquina e 2 vagões foram destruídos numa emboscada.

3) 20 de Novembro, zona Mutarara - Moatize: 1 máquina e 3 vagões-tanques de gasolina foram destruídos, e 4 outros vagões danificados. A linha férrea foi destruída numa extensão de 400 metros.

Outras operações de sabotagem contra coluna de carros tiveram lugar nas zonas de Fingoe, Malewera, Chicua, Mpangula, Chipera, Ucanha, Cauila, Tete, Matema. 17 carros foram destruídos e cerca de 40 soldados mortos nestas operações de sabotagem.

NIASSA

Ataque ao posto de Macaloge

No dia 23 de Dezembro de 1971, os nossos camaradas lançaram um ataque de grande envergadura contra o posto de Macaloge, situado entre Unango e Lulimbo. Esse posto era considerado "zona segura" pelo inimigo, a salvo dos ataques da FRELIMO, e para lá eram enviados os soldados portugueses doentes e feridos. A guarnição era de mais de um batalhão. No posto situavam-se o quartel, o centro administrativo, o hospital e uma companhia de construção de estradas de nome TAMEGA. As construções do posto incluíam 10 casas grandes de 2 andares, 16 casas de tamanho médio e as restantes pequenas. O posto controlava um campo de concentração, a chamada "aldeia de protecção". Desde o começo da guerra no Niassa esse posto sofreu apenas 2 ataques ligeiros, em 1965.

DIA DE ANGOLA

DECLARAÇÃO

Por ocasião do 4 DE FEVEREIRO, aniversário do desencadeamento da luta armada de libertação do povo de Angola

Os nossos camaradas fizeram uma concentração de forças de artilharia e infantaria para atacar o posto. O ataque foi lançado no dia 23 de Dezembro, às 20h45 horas, e durou uma hora. O posto foi completamente destruído. Os primeiros obuses de morteiro incendiaram o depósito de gasolina, e o clarão do incêndio permitiu aos nossos camaradas ver bem os alvos e acertar bem os obuses. Muitos soldados morreram, as casas caíram, os carros explodiram, e o material da companhia de construção ardeu completamente. Não houve qualquer reacção do inimigo ao nosso fogo.

Sabotagem

Em 17 operações de sabotagem durante os meses de Outubro a Dezembro de 1971, os nossos camaradas destruíram 22 carros e 2 catterpillars, e mataram mais de 60 soldados portugueses nas estradas entre Vila Cabral-Metangula, Lunho-Mondué, Massangulo-Catur, Mandimba-Luchimwa, Mandimba-Congereng, Lunho-Metangula, Lunho-Mondué, Luvila-Vila Cabral, Oliveira-Lulimbo, Massangulo-Mandimba, Candulo-Catembe, Chipemba-Mecula, Litunde-Luis, Mitende-Congereng.

Pontes

As nossas unidades de sabotagem destruíram 3 pontes: no dia 11 de Setembro de 1971, foi pelos ares a ponte sobre o rio Muazzeze, que ligava os postos de Oliveira e Mandalawi. No dia 25 de Setembro voou também a ponte sobre o rio Chinjanje, na estrada entre Oliveira e Massangulo. Em 10 de Dezembro destruímos completamente uma ponte de cimento armado sobre o rio Macong'onda, a 5 quilómetros do posto de Macalogo.

Comboios

Depois da destruição de um comboio na linha férrea entre Nova Guarda e Catur, no dia 15 de Setembro de 1971, em que a locomotiva e 2 vagões explodiram, os nossos camaradas organizaram outra acção de sabotagem na mesma linha férrea. Assim, no dia 24 de Novembro, quando um comboio seguia de Catur para Luchimwa transportando tropas e mercadorias, entrou na zona minada e ficou completamente destruído. A locomotiva e vários vagões foram cair a muitos metros de distância da linha. Calculamos que cerca de 20 soldados foram mortos e muitos outros feridos.

Emboscadas

19 e 27 de Novembro de 1971: O inimigo invadiu a zona de Metangula. Foi emboscado várias vezes, e obrigado a recuar sem realizar qualquer acção.

6 de Dezembro: Uma emboscada nossa contra uma patrulha nocturna a 1 quilómetro do posto de Quinã provocou pesadas baixas ao inimigo.

16 de Dezembro: O inimigo aterrou de helicóptero no Distrito de Mwembe. Emboscado no próprio lugar da aterragem, fugiu da nossa zona.

Os povos de Angola, de Moçambique e da Guiné e Cabo-Verde celebram hoje o 4o. de Fevereiro, o aniversário do começo da luta armada de libertação nacional em Angola, contra o colonialismo português. Esta data memorável marca uma fase nova na história da luta dos povos das colónias portuguesas pela sua independência. O exemplo dos militantes do MPLA, que na madrugada do 4 de Fevereiro de 1961 atacaram as prisões de Luanda, galvanizou os nacionalistas em Moçambique e na Guiné-Bissau, e levou-os a reforçar a mobilização política, a desenvolver a organização político-militar e a desencadear a luta armada de libertação nacional.

O 4 de Fevereiro representa assim, para todos os povos das colónias portuguesas e para as suas organizações combatentes — o MPLA, a FRELIMO e o PAIGC — um momento fundamental no seu renascimento nacional.

Hoje a luta armada de libertação nacional estende-se a 10 dos 16 distritos de Angola. Grandes regiões estão libertadas, onde o povo angolano vive livre da dominação colonial portuguesa. Comitês de Acção, eleitos democraticamente, órgãos do poder popular, realizam a gestão da vida da população. Na frente Leste em particular, o MPLA alcançou progressos consideráveis, expandindo a luta para o centro do país.

No decurso dos 11 anos de luta, o povo angolano teve de enfrentar muitos obstáculos e dificuldades, quebrar complotos organizados pelas forças da reacção impe-

rialista que visavam parar a luta armada de libertação ou frustrar o povo angolano dos frutos da vitória.

A direcção correcta do MPLA, e a perseverança e determinação dos militantes e do povo de Angola, forçam hoje o colonialismo português a remeter-se à defensiva, face ao desenvolvimento contínuo da luta armada de libertação nacional. Por ocasião da comemoração deste dia histórico, prestamos homenagem aos esforços e aos sacrifícios do povo angolano, que tornaram possíveis as grandes vitórias alcançadas na luta contra o colonialismo português.

Encorajamos o povo angolano, sob a direcção do MPLA, a prosseguir o seu combate glorioso para a libertação de Angola e da África inteira.

Apelamos aos povos africanos e a todos os povos e forças que apoiam a causa da liberdade e da independência nacional, a apoiarem mais e mais activamente, nos planos político, moral e material, o combate heróico do povo angolano e dos povos das colónias portuguesas.

Viva o 4 de Fevereiro!
Viva a luta de libertação do povo angolano!
Viva a C.O.N.C.P.
Viva a unidade revolucionária dos povos de Angola, Moçambique e Guiné e Cabo Verde!
Unidos Venceremos!

Samora M. Machel
Presidente da FRELIMO,
Presidente da C.O.N.C.P.



FAMILIAS PORTUGUESAS PARA MOÇAMBIQUE

Durante o ano de 1971 cerca de 1.500 pessoas, correspondendo a 277 famílias, vieram de Portugal e fixaram-se numa zona de Moçambique. A vinda destes portugueses faz parte de um plano do governo do Caetano de trazer muitos estrangeiros para o nosso país, e dar-lhes as nossas terras e muitos outros privilégios. Cada uma dessas famílias recebeu de facto passagem gratuita de Portugal, mais 250 a 300 contos em dinheiro, uma casa, mobiliário, um subsídio para alimentação, trabalhadores moçambicanos (que vão trabalhar sem serem pagos, como venâdores escavos), e uma grande extensão de terreno. Antes de darem o terreno às famílias portuguesas os colonialistas expulsam os moçambicanos que ocupam essas terras e mandam-nos para outros lugares secos e áridos, onde a produção é muito difícil. E esses moçambicanos ficam na maior miséria. O objectivo dos colonialistas ao fazerem isto é principalmente criar tensão e ódio entre os portugueses e os moçambicanos, fazerem o nosso povo odiar os portugueses porque eles vêm ocupar as nossas terras; e assim transformarem a nossa luta de libertação numa luta racial. Os colonialistas vão dar armas a essas famílias, que, para defenderem a terra é as outras vantagens que o governo português lhes deu, não-de lutar contra as forças da FRELIMO. E desta maneira nós podemos ser levados a identificar o nosso inimigo como sendo os brancos, ou o povo português. É isso que o governo português quer, para que os brancos de Moçambique não apoiem a FRELIMO.

Mas nós temos já uma orientação clara sobre quem é o nosso inimigo. Nós sabemos que não é o povo português, mas sim o regime colonial português. É esse regime, esse governo, que envia as famílias, assim como envia a tropa para Moçambique. Essas famílias são só um instrumento usado pelo governo, como o são os soldados portugueses, para permitir a dominação e exploração de Moçambique. Claro que se esses portugueses que vêm para as nossas terras se opuserem à nossa luta de libertação e apontarem as armas contra nós, nós teremos que matá-los, porque eles serão um obstáculo à nossa libertação. Mas nunca nós matamos ou maltratamos alguém só porque ele é branco. O inimigo define-se pelas suas actividades, não pela raça ou cor ou nacionalidade. Por outro lado, o carácter justo e humano da nossa luta impedem de maltratar as mulheres e crianças, ou atacar lojas, ou destruir a propriedade dos elementos civis. Nós atacamos objectivos militares ou com relevância militar.

É necessário termos bem presente esta nossa orientação, porque o governo português acaba de anunciar que mais 310 famílias estão já a caminho de Portugal para Moçambique, e algumas delas serão colocadas nas zonas de guerra.

COLONOS VÊM TAMBÉM DOS AÇORES

Os governadores dos Distritos de Angra do Heroísmo e Horta, nos Açores, estiveram em Moçambique para estudar a possibilidade de famílias dos Açores virem estabelecer-se no nosso país, na zona do Limpopo. As primeiras 22 famílias Açoreanas estão já a caminho.

NOVA FRENTE EM ANGOLA

Os nossos camaradas do M.P.L.A. (Movimento Popular de Libertação de Angola) acabam de abrir mais uma frente de luta armada, no Sul de Angola, na região do Cunene, onde os Portugueses e Sul-africanos tencionam construir uma barragem hidro-eléctrica. Esta região faz fronteira com a Namíbia, onde milhares de trabalhadores estão em greve e organizam manifestações contra a ocupação do seu país por tropas Sul-africanas. O começo da luta armada nesta região pelo M.P.L.A., é mais um passo importante no sentido da independência do povo irmão de Angola.



A POPULAÇÃO DE PORTUGAL ESTÁ A DIMINUIR

Durante os últimos 10 anos, desde o começo da guerra em Angola, cerca de 1 milhão de portugueses "votaram com os pés" contra o regime colonial-fascista, quer dizer, saíram de Portugal. 600.000 foram para a França, 50.000 para a Alemanha Ocidental, 50.000 para a Espanha, 30.000 para a África do Sul, 20.000 para a Bélgica, 20.000 para o Canadá, 15.000 para a Inglaterra e 10.000 para o Luxemburgo. Entre esses emigrantes estão milhares de refractários e desertores, que pela fuga mostram a sua oposição à guerra colonial.

Em consequência da emigração e da morte de soldados portugueses em Moçambique, Angola e Guiné, a população global de Portugal está a diminuir. Em 1961, a população era de cerca de 8.800.000 de habitantes. Em 1971, essa população baixou para 8.600.000. Assim Portugal é talvez o único país do mundo em que a população, em vez de aumentar, como sinal também do desenvolvimento económico, está pelo contrário a decrescer. O resultado disto tem sido uma crise em todos os sectores da economia portuguesa, principalmente na agricultura.

A A.R.A. ATACA DE NOVO A MÁQUINA DE GUERRA COLONIAL

A luta de libertação dos povos de Moçambique, Angola, e Guiné não é isolada, é uma luta que conta com o apoio de todos os povos e forças progressistas do mundo. E, por razões evidentes, entre esses povos está o povo Português. Já referimos, em números anteriores deste boletim, acções armadas de forças anti-fascistas e anti-colonialistas portuguesas em apoio da nossa luta. Hoje anunciamos mais uma dessas operações levada a cabo pela Acção Revolucionária Armada (A.R.A.).

Aconteceu no dia 13 de Janeiro de 1972, cerca das 7 horas da manhã. Uma acção de sabotagem no cais de "Alcântara", em Lisboa, provocou uma imensa explosão seguida de incêndio, que destruiu muito material de guerra, um edifício de 2 andares, e atingiu o navio "Muxima", ancorado a 30 metros de distância, danificando-o e provocando um começo de incêndio. O "Muxima", de 6.850 toneladas, devia transportar o material de guerra armazenado no cais para as colónias. Entre o material destruído encontrava-se uma importante reserva militar destinada às unidades de caçadores paraquedistas. Esta acção foi muito importante, porque esses caçadores paraquedistas são os elementos mais criminosos e bárbaros do exército colonial. O terem sido privados do seu material de guerra vai impedir, pelo menos em parte e temporariamente, de praticarem actos terroristas contra os nossos povos.

O comunicado da A.R.A. que anuncia esta operação termina dizendo: «A ARA prosseguirá a sua acção revolucionária, que se integra na luta do povo português contra o fascismo, e continuará a manifestar a sua solidariedade à justa e heroica luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique».

A FRELIMO NO CONSELHO DE SEGURANÇA

O Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu-se em África pela primeira vez na história da Organização. O lugar foi Addis-Abeba, capital da Etiópia. Essa reunião estudou exclusivamente problemas africanos, principalmente a questão das colónias portuguesas, do Zimbábue (Rodésia), da Namíbia (Sudoeste Africano), e da África do Sul. A FRELIMO fez uma intervenção perante o Conselho de Segurança, na qual criticámos a pouca eficácia das Nações Unidas em matérias fundamentais como é o colonialismo, indicámos as razões dessa ineficiência, que são basicamente a atitude dos países imperialistas como os Estados Unidos da América, a França, a Inglaterra e outros, que votam sempre a favor do colonialismo português; explicámos a situação concreta hoje no nosso país — o desenvolvimento da luta armada, a extensão das zonas libertadas,

o trabalho de reconstrução nacional, o desespero dos portugueses, a determinação do novo povo; denunciámos a coligação racista e fascista de Portugal, África do Sul, e Rodésia; explicámos que o desenvolvimento da nossa luta e a atitude do povo exigem que seja a FRELIMO, e não mais Portugal, reconhecida como o único e legítimo representante do povo moçambicano; e fizemos propostas concretas visando isolar Portugal e aumentar o apoio material e moral à nossa luta. O Conselho de Segurança, nesta sua sessão, aprovou uma resolução sobre as colónias portuguesas nestes termos:

«O CONSELHO DE SEGURANÇA, tendo revisto a situação dos territórios africanos sob dominação portuguesa,

RECONHECENDO a legitimidade da luta dos movimentos de libertação em Angola, Moçambique e Guiné, para a auto-determinação e independência,

1. REAFIRMA o direito inalienável dos povos de Angola, Moçambique e Guiné à auto-determinação e independência, como foi já reconhecido pela Assembleia Geral na resolução No.1514(XV) de 14 de Dezembro de 1960, e reconhece a legitimidade da sua luta para alcançar aquele direito;

2. CONDENA a recusa persistente do governo de Portugal em implementar a resolução 1514(XV) e todas as outras resoluções relevantes do Conselho de Segurança;

3. REAFIRMA uma vez mais que a situação resultante da política de Portugal nas colónias e das constantes provocações contra os Estados vizinhos perturba seriamente a paz internacional e a segurança no continente africano;

4. RECOMENDA que Portugal:

a) Reconheça imediatamente o direito dos territórios sob sua administração à auto-determinação e independência, de acordo com a resolução No.1514(XV) da Assembleia Geral;

b) Acabe imediatamente com as guerras coloniais e com todos os actos de repressão dos povos de Angola, Moçambique e Guiné;

c) Retire todas as suas forças armadas que estão a ser usadas para a repressão dos povos de Angola, Moçambique e Guiné;

d) Promulgue uma amnistia política incondicional e restaure os direitos políticos;

e) Transfira o poder para instituições políticas livremente eleitas e representativas do povo, de acordo com a resolução No.1514 (XV) da Assembleia Geral;

5. DE NOVO RECOMENDA a Portugal que não viole a soberania e a integridade territorial dos Estados Africanos;

6. RECOMENDA a todos os Estados que se abstenham de oferecer ao governo português qualquer assistência que lhe permita continuar a repressão dos povos dos territórios sob a sua administração; que tomem todas as medidas necessárias para impedir a venda e fornecimento de armas e equipamento militar ao governo português para fins de repressão, incluindo a venda e remessa de equipamento e material para fabricação e restauração de armas e munições a serem usadas nos territórios sob administração portuguesa;

7. PEDE ao Secretário Geral que acompanhe a implementação desta resolução, e faça periodicamente um relatório para o Conselho de Segurança.

AJUDA IMPERIALISTA A PORTUGAL

1. O esforço combinado dos imperialistas, para ajudar o moribundo Portugal, não conhece limites. Assim, por exemplo, 22 aviões de transporte NORATLAS vão ser vendidos a Portugal. O vendedor inicial é a Força Aérea da Alemanha Ocidental. Os intermediários são as firmas STOCKLEIGH HOLIDINGS Ltd, da Irlanda e a SNIAS da França. Quer dizer, esses aviões serão vendidos pela Alemanha Ocidental à Irlanda, para este país os vender à França, para a França vender a Portugal, para Portugal transportar tropas para Moçambique, Angola e Guiné.

Mas quantos mais aviões vierem, maior alvo terão as nossas anti-aéreas, e mais aviões serão abatidos.

2. A França vai vender a Portugal uma fábrica de produção de armas.

Para nós, isto significa que teremos mais armas para capturarmos.

3. Uma companhia americana, a «FIRESTONE TYRE COMPANY» tenciona construir em Moçambique uma fábrica de pneus cujo custo será de mais de 500 mil contos.

Através destes negócios, o governo português tenciona comprometer cada vez mais os países estrangeiros com a sua política colonial: para não perderem todo este dinheiro que estão a investir em Moçambique, os países imperialistas serão levados a dar maior ajuda a Portugal para lutar contra os movimentos de libertação — a FRELIMO, o MPLA em Angola e o PAIGC na Guiné. Mas essa intervenção estrangeira não pode mudar a corrente da história; não pode obstar à vitória final da nossa luta.

4. A companhia Sul-africana «DIAMOC» vai começar a explorar diamantes na Província de Tete, nas margens do rio TAMMOZL. Esta companhia DIAMOC pertence à firma Anglo-American Corporation, com sede na África do Sul, e que está já a explorar petróleo e minerais no nosso país.

Depois da independência, as riquezas de Moçambique pertencerão e beneficiarão o povo Moçambicano, e não a estrangeiros exploradores.

O PLANO DE ESTRADAS DOS PORTUQUESES

O Governador português em Moçambique, anunciou um plano gigantesco de construção de estradas. O custo seria de 10.500.000 contos. Estas estradas ligariam Lourenço Marques com Cahora Bassa em Tete, e com a fronteira do Rovuma em Cabo Delgado. Esse plano estaria completado em 1979, com a participação de construtores estrangeiros. Nós dizemos: já é tarde.

ACTIVIDADES DA FRELIMO NO EXTERIOR

Durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1972, a FRELIMO esteve activa em muitas Conferências Internacionais:

— 3a. Conferência da Organização de Solidariedade dos povos da África e da Ásia (OSPAA), realizada no Cairo, de 10 a 13 de Janeiro de 1972. A questão das colónias portuguesas foi um dos pontos de discussão.

— Reunião do Comité de Libertação da África, em Benghazi, Líbia, de 11 a 18 de Janeiro. O Comité de Libertação decidiu aumentar muito a ajuda à FRELIMO, MPLA e PAIGC, e saudou as grandes vitórias obtidas pela FRELIMO, particularmente em Tete.

— Conferência de Representantes de Países Africanos com representantes do Congresso dos Estados Unidos da América. Teve lugar em Lusaka, de 17 a 21 de Janeiro de 1972. O ponto central da Conferência foi a posição da América face às lutas dos povos da África Austral.

— Reunião da Presidência do Conselho Mundial da Paz (C.M.P.), em Helsinquia (Finlândia), de 28 a 31 de Janeiro de 1972. Foi discutida, entre outras, a questão das colónias portuguesas.

— Reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em Addis-Abeba, Etiópia, de 28 de Janeiro a 4 de Fevereiro.

— Assembleia Mundial da Paz para a Paz e a Independência dos Povos da Indochina. Reuniu-se de 11 a 13 de Fevereiro de 1972 em Paris, capital da França. Participaram 1.080 delegados representando 84 países. A FRELIMO representou Moçambique. Foi condenada a guerra imperialista de agressão dos Estados Unidos da América contra os povos da Indochina.

— Reunião do Conselho de Ministros da O.U.A., em Addis-Abeba, de 14 a 19 de Fevereiro de 1972. Esta reunião discutiu o problema das colónias portuguesas e África Austral, e o Orçamento da O.U.A. para o ano fiscal de 1972-1973.

PADRES CATÓLICOS CONTRA O COLONIALISMO

Dois padres católicos, portugueses, em serviço na cidade da Beira, recusaram-se a deixar entrar a bandeira portuguesa na sua igreja, mostrando assim a sua oposição ao colonialismo português. A bandeira era transportada por membros da Mocidade Portuguesa, uma organização fascista fundada pelo defunto Salazar. Os 2 padres foram logo presos pela PIDE-DGS. Esta prisão provocou uma onda de protestos por parte das Congregações religiosas contra as autoridades fascistas e colonialistas. Gradualmente, um dos maiores apoios do colonialismo português — a Igreja Católica — começa a mudar de posição e a colocar-se ao lado do movimento de libertação.